

As Jornadas de Junho de 2013 e sua dispersão pelo Brasil

The dispersion of June's 2013 Journey throughout Brazil

◆ Gisele Heloíse Barbosa

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o grau de dispersão dos manifestantes pelo Brasil durante as Jornadas de Junho de 2013 a partir de dados estatísticos relativos à quantidade de manifestantes. Os dados foram coletados do Portal G1 e organizados pelos dias em que compareceram às ruas, mostrando o aumento em volume dos protestos até o pico, dia 20 de junho, e a posterior queda. Constatou-se que o grau de dispersão das Jornadas de Junho de 2013 pelo Brasil foi bastante elevado, principalmente no dia 20/06, por ter ocorrido nas capitais e no interior dos estados. Apesar de muitos estudos sobre os protestos terem se concentrado no Sudeste, a porcentagem de manifestantes em relação à população total mostra que outras capitais tiveram números expressivos no dia 20, mas uma repercussão menor nas redes sociais. Isso pode indicar a existência de dinâmicas políticas locais relacionadas aos desdobramentos ideológicos e eleitorais na década subsequente.

Palavras-chave

Protestos; ação coletiva; democracia; movimentos sociais.

ABSTRACT

This work analyzes the dispersion degree of June's 2013 Journeys base Don statistical data on the number of participants. Data were collected from Portal G1 and organized by the days they took to the streets, showing the increase in volume of protests until the peak, June 20, and the subsequent fall. It was found that the degree of dispersion across Brazil was quite high, especially on 06/20, as it took place in the capitals and in the interior of the states. Although many studies on the protests have been concentrated in the Southeast, the percentage of protesters in relation to the total population shows that other capital had expressive number son the 20th, but a smaller impact on social networks. This may indicate the existence of local political dynamics related to ideological and electoral developments in the subsequent decade.

Keywords

Protests, collective action, democracy, social movements.

Introdução

As Jornadas de Junho de 2013 consistiram em uma série de protestos que ocorreram pelo Brasil durante várias semanas, evidenciando o grande descontentamento da população com a corrupção e com os serviços prestados pelo Estado (MACIEL; MACHADO, 2021). As multidões foram às ruas em passeatas organizadas, embora sem uma liderança única, com cartazes e faixas que pediam mudanças em diversas áreas sociais (SANTOS; PEREIRA, 2019), levando entre vinte e quatro mil a um milhão de brasileiros às ruas em municípios de todo o país (dentro de capitais e cidades do interior), entre 17 e 27 de junho, de acordo com infográfico do Portal G1.

Seu estopim foi dado pelas passeatas do Movimento Passe Livre (MPL), no primeiro semestre de 2013, em São Paulo, “[...] como parte de um movimento social de protesto e não como um evento separado, ad hoc, como se não fosse um movimento social propriamente dito [...]” (GOHN, 2014a, p. 435). Entre os dias 06 e 13 de junho, as manifestações se concentraram na redução das tarifas de ônibus, lideradas pelo MPL e com apoio de alguns partidos de esquerda (FERNANDES; ROSENO, 2013; GOHN, 2014b). No entanto, elas ultrapassaram muito a dimensão do preço da passagem, principalmente após as reações desproporcionais da polícia terem ganhado visibilidade nacional (SOARES, 2013; DOWBOR; SZWAKO, 2013).

Os protestos foram compostos “[...] predominantemente por jovens, escolarizados, [...] de camadas médias, conectados por e em redes digitais, organizados horizontalmente, críticos das reformas tradicionais da política” (GOHN, 2014b, p.12). As lutas sociais foram ressignificadas com os atores que, em sua diversidade de valores e práticas, mesclaram repertórios de ação tradicionais, como uso de cartazes, a novas estratégias, como difusão de pautas em redes sociais (GOHN, 2014a).

Nos últimos dez anos, diversos estudos se dedicaram a compreender as principais reivindicações, os atores que estavam nas ruas, os mecanismos de repressão, o papel das redes sociais, dentre outros temas relacionados às Jornadas de Junho de 2013. Entretanto, há uma lacuna em relação à análise de dados quantitativos sobre o período, que poderiam elucidar, por exemplo, se as manifestações ficaram concentradas apenas em capitais ou também chegaram até cidades do interior, quais regiões levaram mais manifestantes às ruas ou em quais capitais foram mais duradouras. Coloca-se, então, a seguinte indagação: qual foi o real alcance das Jornadas de Junho de 2013 no território brasileiro?

Considerando o exposto, o presente trabalho tem por objetivo analisar o grau de dispersão dos manifestantes pelo Brasil durante as Jornadas de Junho de 2013. A pesquisa, de caráter

exploratório, mostra-se relevante por abrir novas possibilidades na agenda de estudos sobre os protestos, ainda bastante concentrada na dinâmica da ação coletiva da região Sudeste.

O artigo está dividido da seguinte forma: a) contextualização dos protestos e fundamentação teórica; b) descrição dos procedimentos metodológicos; c) apresentação e análise dos resultados por meio de gráficos e tabelas; d) considerações finais.

Caracterizando as Jornadas de Junho de 2013

A definição de protesto adotada neste artigo é a de Della Porta e Diani (2006), que consiste na capacidade de mobilizar a opinião pública, utilizando formas pouco convencionais, que escapam à rotina, a fim de pressionar aqueles que tomam as decisões ou fazem as leis consideradas injustas ou inadequadas. Por não ser o foco do trabalho, não houve a preocupação em diferenciar conceitualmente os termos “protestos”, “manifestações” e “jornadas”, tratando-os como sinônimos, dado o uso de todos eles na literatura para designar o mesmo fato: as Jornadas de Junho de 2013.

Este trabalho considera o dia 06/06 como marco inicial das Jornadas, quando cerca de 150 pessoas protestaram na Prefeitura de São Paulo contra o aumento da tarifa de ônibus no município, com protagonismo do MPL. No dia seguinte, cinco mil pessoas se reuniram no Largo da Batata e, novamente, a polícia reagiu de forma violenta. No dia 10/06, cerca de 300 manifestantes se reuniram no Rio de Janeiro para protestar contra o aumento na tarifa de ônibus, entrando em confronto com as forças policiais. No dia seguinte, 12 mil protestaram, em São Paulo, já incluindo pautas que iam além da tarifa do transporte público, e a tropa de choque revidou com balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral.

Segundo Rodrigues (2014), Gonçalves (2014) e Mendonça e Daemon (2014), a grande imprensa caracterizava os manifestantes como vândalos e tentava esvaziar o conteúdo reivindicado ou moldá-lo aos seus interesses, resumindo-o à crítica aos políticos, de forma genérica. É pertinente destacar que, desde o seu início com o MPL, os protestos não se caracterizaram como um ato revolucionário, pois, de acordo com Singer (2013), não questionaram os pilares da ordem. Gohn (2014a) e Xavier (2013) também afirmaram que os manifestantes não negavam o Estado, mas sim reivindicavam um vínculo maior com as necessidades sociais.

Em 13/06, houve protestos em Natal, Porto Alegre, Santarém, Maceió, Rio de Janeiro, Sorocaba e São Paulo, além de outras cidades menores. Dos cinco mil que participaram em São Paulo, 300 foram presos e 100 detidos para averiguação. A partir dessa data, a violenta repressão policial levou mais pessoas às ruas, tanto em defesa do direito constitucional de manifestação como

contra a atuação da polícia em geral, agregando também múltiplas pautas (NOBRE, 2013b).

Ao perceber o grande apoio popular aos protestos diante da violência policial, a visão da mídia e dos governantes começou a mudar: com o aumento do número de manifestantes, evidenciando a ampliação da base social da causa, as manifestações passaram a ser vistas como direito democrático e ato de cidadania. A mídia adotou cobertura nacional e mais ampla, saindo da dimensão puramente criminalizante e investigando comportamentos, reivindicações, ações policiais e de grupos radicais (SCHERER-WARREN, 2014; GOHN, 2014a; GONÇALVES, 2014).

Conforme apontam Della Porta e Diani (2006), as mídias de massa têm um papel relevante no contexto dos protestos ao espalhar a mensagem dos movimentos envolvidos, o que publiciza a causa e tem o potencial de aumentar o número de seguidores e de recursos. Com a dimensão assumida pelos protestos após 13 de junho, mesmo com criminalização dos manifestantes, a solidariedade do cidadão comum à violência sofrida por eles fez com que mais pessoas fossem às ruas (RIBEIRO, 2014). De acordo com Barros (2014), o vandalismo inicialmente foi colocado pela mídia como descolado das manifestações, mas, depois, viu-se que fazia parte delas. Os veículos de comunicação de massa começaram a distinguir os “bons” dos “maus” manifestantes, os “cidadãos de bem” e os “outros” que não teriam direito legítimo ao uso da cidade por perturbar a ordem, retirando, assim, qualquer conteúdo radical e criminalizando grupos de ação direta, como os black blocs.

Em 17/06, houve um crescimento dos protestos em várias regiões do país, com cartazes pedindo paz. Conseqüentemente, as pautas também foram ampliadas: contra a PEC 371, a “cura gay” e os gastos com estádios para a Copa do Mundo em contraposição aos problemas da saúde e da educação. Em Brasília, houve a ocupação da Esplanada dos Ministérios e do teto do Congresso Nacional, numa demonstração de força e poder da população. No dia seguinte (18/06), ocorreram protestos em mais de 15 estados, e as reivindicações incluíam agora a reforma política (FERNANDES; ROSENO, 2013).

Nogueira (2013) conceituou os protestos a partir de uma crise de aspectos econômicos, socioculturais, políticos, éticos, institucionais e governamentais, sendo o sistema político em sentido estrito o lado mais visível dessa crise. Desse modo, como não havia uma disputa por membros ou recursos nessa fase das manifestações, os movimentos sociais que foram às ruas estabeleceram uma relação de cooperação ou de, pelo menos, não competição, segundo Della Porta e Diani (2006), constituindo uma união de todos contra a conjuntura dada, embora os agentes dos atos de vandalismo fossem denunciados pelos presentes.

Em 19/06, houve a redução da tarifa do transporte de ônibus em São Paulo e no Rio de Janeiro, o que representou o fim da segunda etapa das Jornadas. A partir do dia 20/06, data

reconhecida por vários autores como um marco nos protestos (FERNANDES E ROSENO, 2013; GOHN, 2014b; MONDAINI, 2014; BARROS, 2014; LIMA, 2014), outras causas ganharam os cartazes e vozes dos protestos com a vitória da primeira demanda (CAMPOS JR., 2014). Iniciou-se uma nova fase, com ampliação do foco das manifestações, expressando múltiplas demandas.

Em mais de 120 cidades brasileiras, cerca de 1,5 milhão de pessoas foram às ruas. Houve confrontos isolados e vandalismo, mas também muitos atos de paz. O momento mais expressivo, segundo Fernandes e Roseno (2013), foi a clara rejeição das mídias e partidos existentes, incluindo a queima de bandeiras partidárias, o canto do Hino Nacional e uma nova postura frente às lideranças tradicionais da grande imprensa, reagindo com revolta diante de certas visões e comentários sobre os protestos. Desse dia em diante, as manifestações foram diminuindo gradativamente, em número de encontros e em quantidade de pessoas.

Um dos grupos presentes nas ruas, os *black blocs*, segundo Della Porta e Diani (2006), operou a “lógica do dano”, que pode ser reflexo de violência política, além de ser um método de chamar a atenção da mídia para a causa. Esse grupo também buscou evidenciar a grande desigualdade vigente no atual sistema econômico, quebrando locais que representam grandes corporações. Portanto, não se trata de uma violência irracional, mas de atos performáticos, com um objetivo bem definido, e que não visa atingir pessoas, ao contrário da repercussão em relação aos meios de atuação da polícia na contenção dos manifestantes.

O grande problema, também apontado por Della Porta e Diani (2006), é que a violência polariza o conflito, assim como aconteceu nos protestos: pesquisas do Datafolha em 13 e 18/06/2013 na cidade de São Paulo constataram que os entrevistados consideraram os manifestantes mais violentos do que deveriam e que eram contra esse tipo de ato, como a tentativa de invasão do Palácio dos Bandeirantes. Fernandes e Roseno (2013) descreveram que os manifestantes sentavam-se no chão para que a polícia pudesse identificar aqueles que praticavam alguma forma de violência.

Os manifestantes, de acordo com Singer (2013), Paulino (2014) e Adoue (2014), eram compostos por uma juventude órfã de organização popular, não se reconhecendo nos tradicionais partidos, movimentos sociais, entidades e sindicatos, tidos como burocratizados e convertidos em espaços de ascensão social. Nobre (2013a) reforçou o argumento de rejeição à divisão partidária entre direita e esquerda, visto que essa juventude, nascida a partir dos anos 90, nunca viu uma polarização efetiva. Por isso, os protestos tenderam ao horizontalismo, em detrimento do verticalismo dessas organizações sociais existentes, unidos pelo descontentamento e a intenção de mudar o presente (SILVA, 2014a; SANTOS; PEREIRA, 2019).

Essa rejeição aos grupos tradicionais foi constatada em pesquisa do IBOPE, no dia 20/06, em várias cidades: dentre os entrevistados, 61% demonstrou muito interesse por política, mas 83%

não se sentiam representados pelos políticos brasileiros; 89% não se sentiam representados por um partido político, 96% não eram filiados a partidos e 86% não pertenciam a sindicatos, entidades de classe ou estudantis. A maioria dos entrevistados (63%) era jovem, entre 14 e 29 anos, estava no ensino médio ou superior (92%) e trabalhava (76%), sendo que 56% possuíam renda familiar entre 2 e 10 salários mínimos.

Singer (2013) ressaltou, ao comentar a postura de lideranças do MPL em entrevista ao programa Roda Viva (13/06/2013), o surgimento de uma “nova esquerda”, em sintonia com os movimentos Occupy e os Indignados da Espanha: eles se recusaram a expor aspectos pessoais, visto que o objetivo era falar da questão das tarifas. O problema, segundo o autor, é que isso abriu espaço para diversas visões de mundo nos protestos, incluindo a direita, que tentou impor a bandeira da corrupção como maior causa, por impregnar facilmente no senso comum. Ele também apontou a presença de um “centro pós-materialista” entre os manifestantes, preocupado com o bem-estar e a participação social, visto que esse grupo já resolvera seus problemas materiais.

Nobre (2013a) e Mendonça e Daemon (2014) ressaltaram o número elevado de protestos que surgiram nas periferias, bem como a presença de moradores das comunidades nas manifestações no Rio de Janeiro. Ainda houve também jovens que, em Florianópolis, produziam-se para os protestos, tiravam fotos e as publicavam nas redes sociais, registrando sua participação em “praça pública” (SCHERER-WARREN, 2014). Segundo Della Porta e Diani (2006, p. 138): “*At times of collective effervescence, when enthusiasms high and the Will to participate is strong, it is easier to mobilize people and resources even informally as individuals*”.

Para alguns autores, os protestos se caracterizaram por sua espontaneidade e improvisação. Fernandes e Roseno (2013, p. 53) afirmaram que “a manifestação se construía à medida que avançava”. Não se sabia qual trajeto seria seguido, pois as decisões eram tomadas na hora e já compartilhadas em redes sociais de forma instantânea (GOHN, 2014a). Já para Barros (2014) e Moraes (2014), a ideia de espontaneidade das manifestações é ingênua: vários movimentos populares e grupos estudantis têm feito manifestações há vários anos. A novidade foi o envolvimento de pessoas comuns e de várias classes sociais, expressando um aumento em número e em diversidade de manifestantes, visto que, normalmente, apenas as pessoas afetadas por uma causa específica participavam de manifestações. Silva (2014a), Gonçalves (2014) e Scherer-Warren (2014) também questionaram a ideia de que “o povo acordou”, afirmando que a população nas ruas, em sua maioria jovens, não era desprovida de bandeiras ou de identidade política, e que mostrou não classificar como uma fatalidade sua realidade econômico-social, reivindicando mais cidadania, transparência e participação.

É possível notar a multiplicidade de interpretações sobre as Jornadas de Junho de 2013, que

refletem a diversidade de vozes presentes nas ruas. Todavia, boa parte da literatura produzida até então versou sobre os protestos e os movimentos sociais que se difundiram principalmente nas capitais São Paulo e Rio de Janeiro, por serem as cidades que levaram mais manifestantes para as ruas. Os dados quantitativos apresentados a seguir permitirão identificar a real dispersão dos protestos pelo território, ampliando o olhar para as outras regiões do Brasil. A revisão da literatura exposta nesta seção servirá de embasamento para a análise dos dados quantitativos sobre os protestos.

Procedimentos metodológicos

Para alcançar o objetivo proposto de analisar o grau de dispersão dos manifestantes pelo Brasil durante as Jornadas de Junho de 2013, foi realizada uma síntese dos números a partir de dados coletados pelo Portal G1¹, que utilizou como principal fonte as informações disponibilizadas pela Polícia Militar de cada município. Entretanto, neste trabalho, não há a pretensão de problematizar a contabilização de manifestantes feita pelas polícias, mas tão somente apresentar um panorama geral da ocorrência dos protestos pelo país com o único levantamento disponível. Diversos trabalhos sobre as manifestações já mencionaram a síntese do Portal G1 para contextualizar sua dimensão, sendo portanto uma fonte amplamente difundida na literatura sobre o tema (SANTOS; PEREIRA, 2019).

Além disso, o uso de informações das polícias também pode ser justificado pela especificidade dos Protestos: não havia um único movimento social nas ruas, com um repertório de ação mais consolidado e com práticas de organização prévia e contagem própria de manifestantes. Apesar de ter iniciado com o MPL, o movimento social não deu conta da dimensão que as manifestações tomaram. Desse modo, mesmo com todas as ressalvas em relação aos dados das polícias, que geralmente subestimam a quantidade de manifestantes, observá-los permite fazer elucidicações sobre como as manifestações de fato se espalharam pelo Brasil.

É importante ressaltar que, nesta pesquisa, foram levados em conta apenas os dados numéricos. Os municípios onde não há número estimado de manifestantes, mas somente a menção da ocorrência de uma manifestação, foram descartados. Diante da amplitude da amostra – de 17 a 30 de junho de 2013 – em alguns gráficos priorizou-se a exposição dos dados referentes ao dia 20,

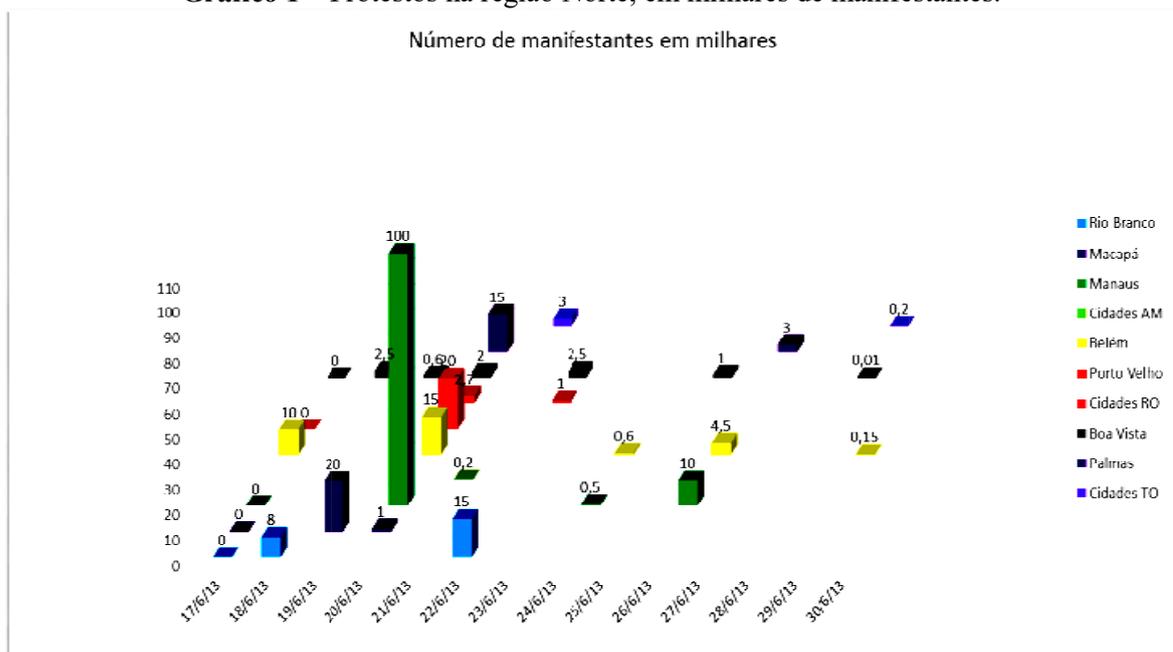
¹ É importante ressaltar que os infográficos produzidos pelo Portal G1 e coletados para esta pesquisa constavam no domínio <http://g1.globo.com/brasil/protestos-2013/infografico/platb/>. Entretanto, os infográficos que davam acesso às matérias por estado foram substituídos pelo seguinte link: <https://g1.globo.com/politica/noticia/junho-de-2013-as-manifestacoes-nas-manchetes-do-g1.ghtml>.

dada a relevância da data, conforme já discutido. Para apresentar os dados das regiões, cada estado foi dividido em dois grupos: capital e outras cidades, com vistas a observar a ocorrência das manifestações principalmente no interior.

As Jornadas de Junho de 2013 pelo Brasil em números

Os dados estatísticos sobre a quantidade de manifestantes serão apresentados por dia em que estes compareceram às ruas, mostrando o aumento em volume dos protestos até o pico, dia 20 de junho, e a posterior queda. Tais informações foram dispostas por região, estado e capital/ demais cidades do estado e da região, juntamente com um cálculo da porcentagem de pessoas nas ruas em relação à população absoluta da capital. O gráfico 1 apresenta os dados dos protestos na Região Norte do Brasil, em milhares de manifestantes.

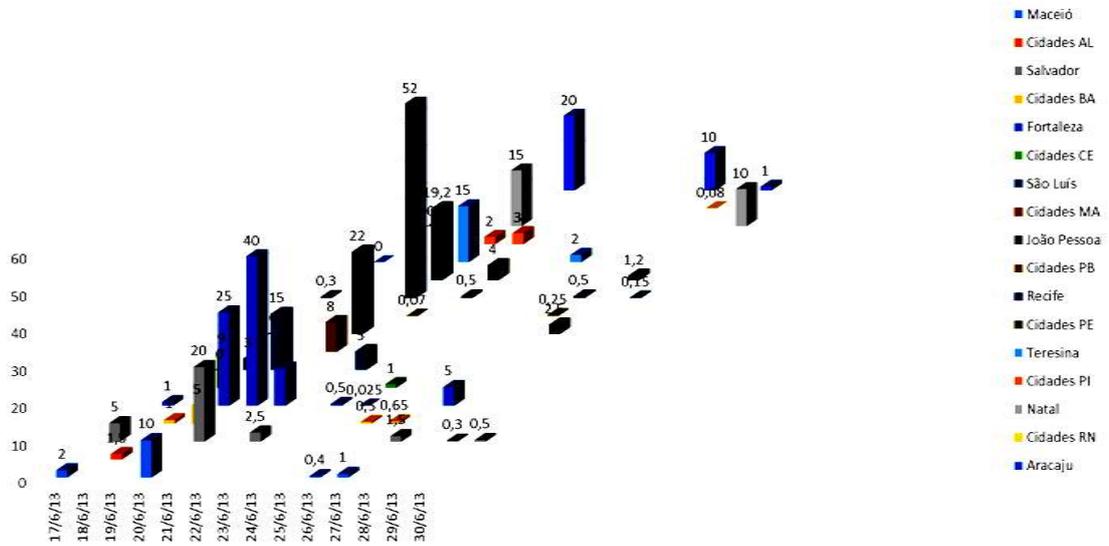
Gráfico 1 – Protestos na região Norte, em milhares de manifestantes.



Fonte: elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pelo Portal G1.

É notável a amplitude atingida pelas manifestações no dia 20/06. Na região Norte, houve manifestações nesse dia em todas as capitais, com exceção de Rio Branco, destacando Manaus, com 100.000 pessoas. Antes dessa data, ocorreram poucas concentrações; destaque para Macapá, que reuniu 20.000 pessoas em 19/06. Após o dia 20 de junho, ainda houve alguns protestos esparsos e com poucos integrantes. A seguir, o gráfico 2 traz a quantidade de manifestantes, em milhares, nos protestos ocorridos na região Nordeste.

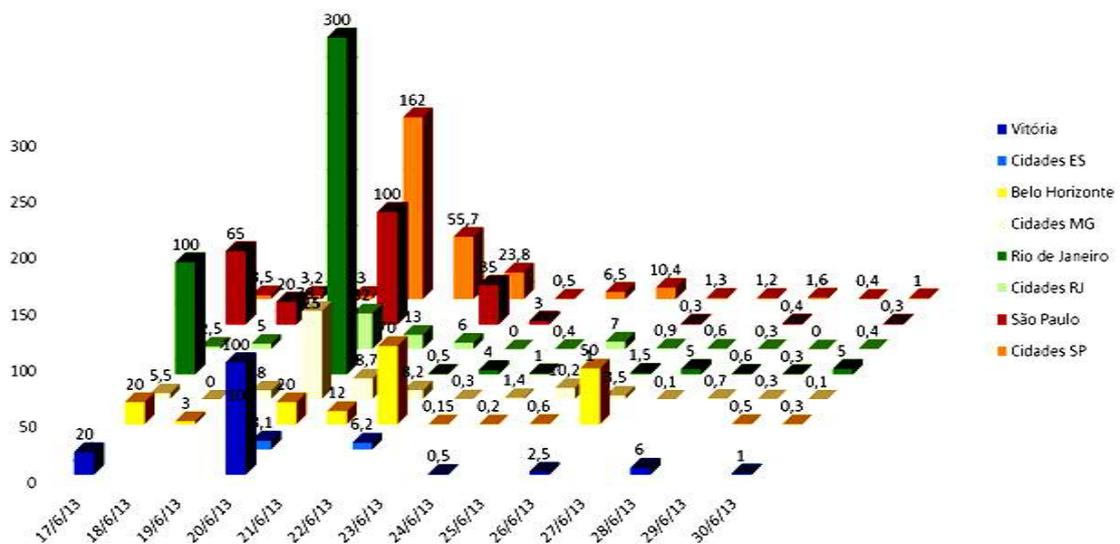
Gráfico 2 – Protestos na região Nordeste, em milhares de manifestantes.
Número de manifestantes em milhares



Fonte: elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pelo Portal G1.

A região Nordeste segue o mesmo padrão do Norte: antes de 20/06, manifestações mais centradas nas capitais, destacando Fortaleza e São Luís, com 25.000 e 15.000 pessoas em 19/06, respectivamente. No dia 20, todas as capitais, exceto São Luís, tiveram concentrações, destacando municípios do interior do Pernambuco, bem como Fortaleza e Recife, em que havia 40.000 e 52.000 pessoas, respectivamente. A partir de 21/06, os protestos se tornam escassos novamente. O gráfico 3 mostra os dados dos Protestos, em milhares de manifestantes, na região Sudeste.

Gráfico 3 – Protestos na região Sudeste, em milhares de manifestantes.
Número de manifestantes em milhares

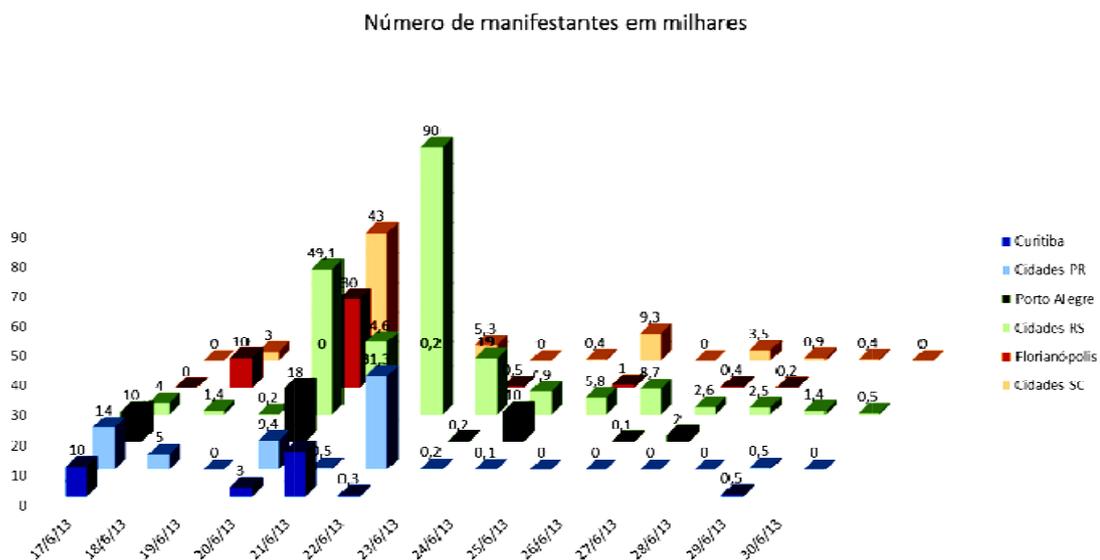


Fonte: elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pelo Portal G1.



Na região Sudeste, nota-se a mesma situação: entre 17 e 19 de junho, as manifestações se concentraram nas capitais e em alguns municípios do interior paulista e fluminense. Em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo ocorreram protestos regulares de 17 a 26 de junho. No dia 20/06, Vitória surpreendeu, contabilizando 100.000 manifestantes nas ruas, mesma quantidade de São Paulo, enquanto, no Rio de Janeiro, houve cerca de 300.000 pessoas; em vários municípios do interior dos quatro estados, ocorreram protestos. Após essa data, observa-se o mesmo padrão já mencionado antes: as manifestações se tornam menores e mais esparsas, com destaque para Belo Horizonte, com 70.000 pessoas em 22/06 e 50.000 em 26/06. A seguir, o gráfico 4 expõe os números de manifestantes, em milhares, na região Sul.

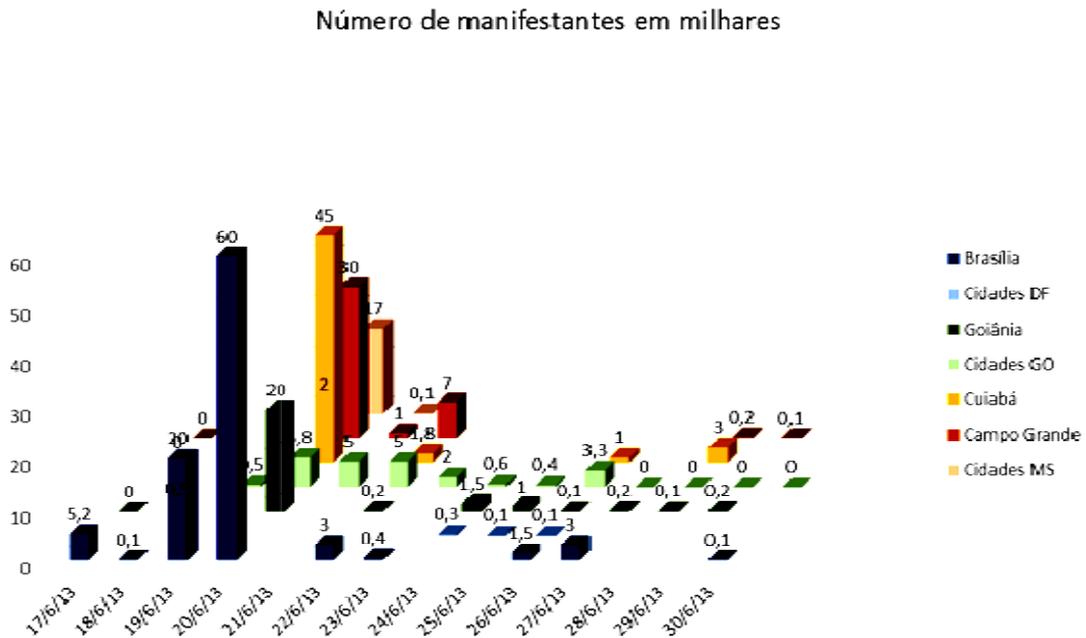
Gráfico 4 – Protestos na região Sul, em milhares de manifestantes.



Fonte: elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pelo Portal G1.

Na região Sul, também temos o padrão já comentado antes e depois de 20/06. Em comparação com outros municípios de outras regiões, as capitais tiveram quantidade reduzida de pessoas, em números reais, no dia 20: Curitiba com 3.000, Porto Alegre com 18.000 e Florianópolis com 30.000 manifestantes; elas tiveram concentrações entre 17 e 29/06, cujo número de pessoas oscilou entre 30² e 10.000. Contudo, vários municípios dos três estados tiveram manifestações, principalmente entre os dias 20 e 22. O gráfico 5 apresenta os dados referentes à região Centro-Oeste, em milhares de manifestantes.

² Segundo notícia do Portal G1, em 23/06 ocorreu, em Florianópolis, o “Protestinho”, com crianças e seus pais pedindo melhorias na saúde. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/06/protestinho-em-florianopolis-reune-pais-e-filhos-em-apoio-aos-atos-no-pais.html> Acesso em: 29/05/2023.

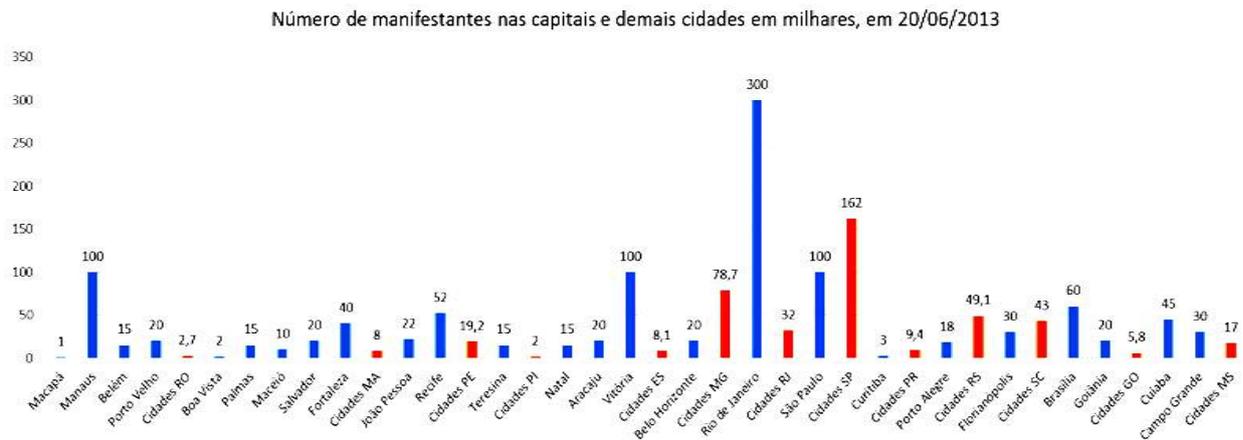
Gráfico 5 – Protestos na região Centro-Oeste, em milhares de manifestantes.

Fonte: elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pelo Portal G1.

Por último, no Centro-Oeste, houve protestos em todas as capitais no dia 20/06, com destaque para Brasília, em que havia 60.000 pessoas, e Cuiabá, com 45.000. Tanto em Cuiabá quanto em Campo Grande, a frequência de protestos foi menor se comparados a Brasília e Goiânia, em que eles foram quase diários, embora o número de manifestantes tenha variado de algumas dezenas para milhares de pessoas.

Os dados evidenciaram que a redução dos preços das passagens de ônibus, em 19/06, repercutiram de forma ampla pelo Brasil, modificando a causa central dos protestos e sinalizando que a população ainda não se contentou com essa medida. A vitória em relação à causa da tarifa deu força para mobilizar outras questões, levando novos grupos para as ruas. Conforme a literatura revisada apontou (GOHN, 2014b; FERNANDES E ROSENO, 2013; MONDAINI, 2014; BARROS, 2014; SANTOS; PEREIRA, 2019; MACIEL; MACHADO, 2021), outros temas ganharam maior relevância em 20/06, principalmente corrupção, educação e saúde, por meio de uma comparação com a construção dos estádios para a Copa do Mundo, transformando o dia num marco na cronologia dos protestos.

O gráfico 6 apresenta os números de manifestantes nas ruas em 20 de junho de 2013, separando a quantidade de pessoas nas capitais e nas demais cidades de cada estado.

Gráfico 6 – Protestos pelo Brasil em 20/06, em milhares de manifestantes.

Fonte: elaboração própria, a partir de dados disponibilizados pelo Portal G1.

É notável a participação das outras cidades no dia 20/06, com exceção das capitais, dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Isso mostra que, mesmo nos municípios menores, do interior, a onda de protestos chegou com certa força, levando a população às ruas e incluindo, além das questões gerais, os problemas enfrentados no espaço local. Muitas manifestações ocorreram em frente às prefeituras e, segundo Xavier (2013), as causas urbanas foram predominantes, em detrimento dos problemas vivenciados no campo, por exemplo.

Para identificar a real proporção de pessoas nas ruas em cada cidade, a tabela 1 expõe a porcentagem de manifestantes nas capitais, por data, em relação à população total, de acordo com dados de população absoluta do IBGE, obtidos no Censo de 2010. As marcações em amarelo indicam as capitais que tiveram mais do que 4% de sua população total participando de uma manifestação.

Tabela 1 – Porcentagem de manifestantes nas capitais por data, em 2013.

CAPITAL	IBGE 2010	17/6	18/6	19/6	20/6	21/6	22/6	23/6	24/6	25/6	26/6	27/6	28/6	29/6	30/6
Manaus	1.802.014	0,00	0,00	0,00	5,55	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,55	0,00	0,00	0,00	0,00
Rio Branco	336.038	0,00	2,38	0,00	0,00	0,00	4,46	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Macapá	398.204	0,00	0,00	5,02	0,25	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,00
Belém	1.393.399	0,72	0,00	0,00	1,08	0,00	0,00	0,00	0,04	0,00	0,32	0,00	0,00	0,00	0,00
Porto Velho	428.527	0,00	0,00	0,00	4,67	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Boa Vista	284.313	0,00	0,88	0,21	0,70	0,00	0,88	0,00	0,00	0,35	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Palmas	228.332	0,00	0,00	0,00	6,57	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1,31	0,00	0,00	0,00	0,00
Maceió	932.748	0,21	0,00	0,00	1,07	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,04	0,11	0,00	0,03	0,05
Salvador	2.675.656	0,19	0,00	0,00	0,75	0,00	0,09	0,00	0,00	0,00	0,00	0,06	0,00	0,00	0,00
Fortaleza	2.452.185	0,04	0,00	1,02	1,63	0,41	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	0,20	0,00	0,00	0,00

CAPITAL	IBGE 2010	17/6	18/6	19/6	20/6	21/6	22/6	23/6	24/6	25/6	26/6	27/6	28/6	29/6	30/6
São Luís	1.014.837	0,00	0,30	1,48	0,00	0,00	0,49	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
João Pessoa	723.515	0,00	0,00	0,00	3,04	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,35	0,02	0,00	0,00
Recife	1.537.704	0,02	0,00	0,00	3,38	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00
Teresina	814.230	0,00	0,00	0,00	1,84	0,00	0,00	0,00	0,02	0,00	0,00	0,00	1,23	0,00	0,00
Natal	803.739	0,00	0,00	0,00	1,87	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Aracaju	571.149	0,00	0,00	0,00	3,50	0,00	0,00	0,00	0,00	1,75	0,00	0,18	1,05	0,00	0,18
Vitória	327.801	6,10	0,00	0,00	30,51	0,00	0,00	0,00	0,15	0,00	0,76	0,00	0,00	0,15	0,09
Belo Horizonte	2.375.151	0,84	0,13	0,42	0,84	0,51	2,95	0,01	0,01	0,03	2,11	0,00	0,02	0,01	0,21
Rio de Janeiro	6.320.446	1,58	0,00	0,00	4,75	0,00	0,01	0,06	0,02	0,02	0,02	0,08	0,01	0,00	0,00
São Paulo	11.253.503	0,58	0,44	0,00	0,89	0,00	0,31	0,03	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Curitiba	1.751.907	0,57	0,00	0,00	0,17	0,86	0,02	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Porto Alegre	1.409.351	0,71	0,00	0,00	1,28	0,00	0,00	0,01	0,71	0,00	0,00	0,14	0,01	0,00	0,00
Florianópolis	421.240	0,00	2,37	0,00	7,12	0,00	0,00	0,01	0,00	0,24	0,00	0,09	0,00	0,00	0,02
Brasília	2.570.160	0,20	0,00	0,78	2,33	0,00	0,12	0,02	0,00	0,00	0,06	0,12	0,00	0,01	0,00
Goiânia	1.302.001	0,00	0,04	0,00	1,54	0,00	0,02	0,00	0,12	0,08	0,00	0,01	0,23	0,00	0,00
Cuiabá	551.098	0,00	0,00	0,54	8,17	0,00	0,33	0,00	0,00	0,00	0,18	0,00	0,04	0,01	0,00
Campo Grande	786.797	0,00	0,00	0,00	3,81	0,13	0,89	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

Fonte: elaboração própria, a partir de dados do Censo 2010 (IBGE) e do Portal G1.

É importante salientar que, de acordo com os dados da tabela 1, Vitória teve 30,51% de sua população nas ruas em 20/06! No dia 17, a mesma capital teve 6,1% da população no protesto. Outras capitais que merecem destaque são: Cuiabá (8,17%), Florianópolis (7,12%), Palmas (6,57%) e Manaus (5,55%).

São Paulo e Rio de Janeiro destacam-se por terem a maior quantidade de pessoas nas ruas, em números absolutos, considerando que são as maiores cidades do país e historicamente palcos da ação coletiva. No entanto, quando esses números são cruzados com a população das respectivas capitais, no dia 20/06, temos em São Paulo 0,89% e no Rio de Janeiro 4,75% de manifestantes nas ruas. Vale a pena destacar que a maior frequência ocorreu entre 17 e 22 de junho, sendo que as manifestações diminuíram consideravelmente nos dias seguintes.

Conforme os números evidenciaram, as passeatas não ocorreram somente nas capitais mais populosas, como São Paulo e Rio de Janeiro, mas também, e com muita força, em cidades menores. Segundo Recuero et al (2014), há muitos tweets localizados na região Sudeste em detrimento das demais regiões. Silva (2014b) também coloca que as regiões mais conectadas, com destaque para o Sudeste, apresentaram maior número de protestos do que aquelas com menor abrangência de redes de internet. Segundo Della Porta e Diani (2006, p. 155), “[...] *technological change has attracted*

most attention of late, as it has influenced the organizational structure of social movements as well as their tactics. The expansion of both printed and electronic means of communication has permitted an 'externalization' of certain costs".

Há movimentos que não existiriam sem o uso da internet para angariar membros e fundos para sua causa. As redes sociais, todavia, constituem-se como territórios de incerteza e insegurança, visto que não há como prever o resultado que o fluxo de informações gerará. Contudo, embora os estados da região Sudeste tenham levado mais pessoas às ruas em números absolutos e, com o maior acesso à internet, ter apresentado mais comentários nas redes sociais, não se pode ignorar os dados da quantidade de manifestantes em relação à população total, conforme efetuado na análise das capitais. Isso significa que a organização e divulgação dos protestos ultrapassou os limites do acesso majoritário às redes sociais em 2013, penetrando em outras redes de contatos pré-existentes ou emergentes, como coletivos, igrejas ou associações.

Momentaneamente, os protestos mudaram alguns aspectos da política vigente no Brasil. Mesmo com a falta de continuidade nos mesmos moldes em meses subsequentes de 2013, as ruas se tornaram um lugar indesejado e temido pelo Executivo e pelo Legislativo, que precisou oferecer algumas respostas rápidas, como a recusa à PEC 37, os pronunciamentos de Dilma em rede nacional, propondo os “cinco pactos”³, sendo o programa “Mais médicos” resultante de um deles, além de vários prefeitos revogando o aumento das passagens.

A longo prazo, os protestos aparentemente não alteraram tanto o cenário eleitoral do ano seguinte: a população reelegera a presidente Dilma, embora tenha sido um momento conturbado entre as campanhas e o seu primeiro ano de governo, envolvendo inclusive pedidos de impeachment. Della Porta e Diani (2006) já alertavam sobre a possibilidade de alcance limitado de protestos de massa, pois o voto é estruturado por várias questões, num equilíbrio entre diferentes motivações, e dificilmente o indivíduo abandona sua escolha eleitoral tradicional por conta de um evento cuja duração é limitada. Todavia, ao analisar os dados eleitorais das capitais que levaram a maior porcentagem da população para as ruas em 20 de junho de 2013, é possível identificar que houve uma virada ideológica na maioria delas, conforme aponta a Tabela 2.

³Propostas apresentadas pela presidenta Dilma Rousseff, no dia 24/06/2013, em resposta às reivindicações dos Protestos de Junho de 2013. São elas: responsabilidade fiscal; plebiscito sobre a reforma política; pacto pela saúde; investimento em mobilidade urbana; destinação de recursos do pré-sal para a educação.

Tabela 2 – Votos nominais por ano nas capitais brasileiras.

CAPITAL	2010		2014		2018		2022	
Manaus	Dilma	679.131	Dilma	529.604	Haddad	358.364	Lula	437.691
	Serra	179.371	Aécio	409.409	Bolsonaro	686.999	Bolsonaro	692.580
Porto Velho	Dilma	114.498	Dilma	110.825	Haddad	74.847	Lula	92.636
	Serra	87.387	Aécio	117.510	Bolsonaro	166.145	Bolsonaro	169.299
Palmas	Dilma	54.959	Dilma	62.971	Haddad	45.892	Lula	62.961
	Serra	46.570	Aécio	64.719	Bolsonaro	84.782	Bolsonaro	95.715
Vitória	Dilma	82.228	Dilma	76.361	Haddad	72.064	Lula	95.478
	Serra	103.254	Aécio	117.734	Bolsonaro	123.734	Bolsonaro	115.293
Rio de Janeiro	Dilma	1.958.537	Dilma	1.626.751	Haddad	1.105.393	Lula	1.734.159
	Serra	1.252.818	Aécio	1.577.972	Bolsonaro	2.179.896	Bolsonaro	1.929.209
Florianópolis	Dilma	90.520	Dilma	85.791	Haddad	92.063	Lula	148.344
	Serra	144.867	Aécio	164.824	Bolsonaro	169.952	Bolsonaro	169.495
Cuiabá	Dilma	148.633	Dilma	150.605	Haddad	109.681	Lula	133.852
	Serra	144.087	Aécio	164.820	Bolsonaro	222.077	Bolsonaro	213.787

Fonte: elaboração própria, a partir de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A tabela 2 mostra que a centro-esquerda, liderada pelo PT, perdeu espaço eleitoral nas capitais selecionadas, comparando com o pleito de 2010. Isso não significa que os protestos alteraram o resultado das eleições, mas pode representar a presença de novas vozes políticas nas ruas já em 2013, que se tornaram grupos de centro-direita e de extrema-direita nos anos subsequentes. Ou seja, os protestos foram o ponto de virada de mudanças políticas que já estariam em curso, em que a direita se apropriou do repertório de ação e da performance da manifestação de rua, tipicamente da esquerda, para expor seus descontentamentos e pressionar o poder público.

As matérias reunidas pelo G1 relativas aos municípios do Brasil que mais levaram pessoas às ruas, proporcionalmente em relação à sua população, reforçam o argumento exposto. No Rio de Janeiro⁴ e em Palmas⁵, os protestos pediram maior orçamento para saúde e educação, a votação da PEC 37 e criticaram o projeto de lei relativo à “cura gay”, terminando em confronto com a polícia

⁴ Ato no Rio reúne 300 mil pessoas e termina em confronto com a PM. G1, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/ato-no-rio-reune-300-mil-pessoas-e-termina-em-confronto-com-pm.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

⁵ Protesto reúne 15 mil pessoas nas ruas de Palmas. G1, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protesto-reune-15-mil-pessoas-nas-ruas-de-palmas.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

no Rio. Em Santa Catarina⁶, os registros fotográficos mostram que havia muitas bandeiras do Brasil carregadas por manifestantes em Florianópolis e um cartaz com a frase “ore pelo Brasil” em Joinville.

Em Cuiabá⁷, também houve o uso de muitas bandeiras do Brasil nas passeatas e o canto do Hino Nacional, além da confecção de cartazes antipetistas e contra a corrupção. O ponto crítico das manifestações em Vitória⁸ foram as atitudes depredatórias, que acabaram por tirar o foco de outras pautas. Em Manaus⁹ e Porto Velho¹⁰ também havia muitas bandeiras do Brasil e cartazes contra as “regalias dos políticos”, a PEC 37 e em prol da educação.

A temática da corrupção e as performances utilizando a bandeira do Brasil consistem em repertórios discursivos e de ação que foram apropriados pela direita na década que sucedeu as Jornadas de Junho de 2013. O aumento das votações em candidatos de direita nas cidades que levaram proporcionalmente mais manifestantes às ruas no dia 20/06 corrobora com essa afirmação, sinalizando a possibilidade de articulações políticas em outros espaços para além das redes sociais, considerando que esses municípios não constituem o maior contingente com postagens em redes (RECUERO ET AL, 2014).

Considerações finais

Este artigo procurou analisar o grau de dispersão das Jornadas de Junho de 2013, constatando que foi bastante elevado, principalmente no dia 20/06, por ter ocorrido nas capitais e no interior dos estados. As análises da bibliografia e dos dados estatísticos evidenciaram estudos muito concentrados nos protestos do Sudeste, possivelmente por ser uma região de grande visibilidade das passeatas e por conta da elevada quantidade de pessoas, em números absolutos. No entanto, quando olhamos para os dados quantitativos, a porcentagem de manifestantes em relação à população

⁶ Cerca de 89 mil participaram de manifestações em SC, segundo PM. G1, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/06/cerca-de-89-mil-participaram-de-manifestacoes-em-sc-segundo-pm.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

⁷ Manifestação em Cuiabá reuniu cerca de 30 mil pessoas, calcula PM. G1, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/06/manifestacao-em-cuiaba-reune-cerca-de-30-mil-pessoas-diz-smtu.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

⁸ Manifestação leva 100 mil às ruas de Vitória e minoria destrói cidade. G1, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2013/06/manifestacao-leva-100-mil-ruas-de-vitoria-e-minoria-destroi-cidade.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

⁹ Atos pacíficos e tentativa de invasão à prefeitura marcam protesto no AM. G1, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/06/atos-pacificos-e-tentativa-de-invasao-prefeitura-marcam-protestos-no-am.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

¹⁰ Cerca de 20 mil pessoas participaram de protestos em Porto Velho, diz PM. G1, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2013/06/cerca-de-20-mil-pessoas-participaram-de-protestos-em-porto-velho-diz-pm.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

mostra que outras capitais, de outras regiões, tiveram números mais expressivos. Essa constatação evidencia a necessidade de ampliação das pesquisas sobre os protestos em outras regiões.

As interpretações das manifestações também destacaram o papel das redes sociais na sua organização. O mundo virtual contribuiu para difundir, rapidamente, novas opiniões e críticas sobre o mundo político, bem como a realidade do próprio país e de outros países. A rapidez e acessibilidade dos meios de comunicação serviu para fomentar debates virtuais e marcar encontros de cunho contestador, dando novos usos ao espaço físico. Entretanto, os dados apresentados sobre os protestos por região mostraram que, nos estados e capitais em que há maior acesso à internet, o que permite o ciberativismo, a porcentagem de pessoas que foram às ruas, em relação à população total do estado, foi baixa, quando comparada com outros estados.

A literatura apontou como argumento central para compreensão dos protestos o fato de os cidadãos, agrupados em diversos movimentos sociais, não se sentirem politicamente representados. O início dado pelo aumento de centavos na passagem de ônibus e a rápida ampliação das causas expressas nas ruas, transformando-as em manifestações por diversos direitos, confirmaram a afirmação. Todavia, as viradas eleitorais apontadas podem ser um indício de que as ideias e a performance da direita já começavam a se apropriar da lógica de ação tipicamente atribuída à esquerda nas ruas em 2013.

Ao comparar Junho de 2013 às manifestações de 1968 e às mais recentes – movimentos antiglobalização, Primavera Árabe, Indignados da Espanha e Occupy, é notável que todas foram sucedidas por ondas da direita (RIBEIRO, 2014). A conjuntura política do Brasil não demonstrou ser diferente. A multiplicidade de vozes nas ruas em 2013 não foram compreendidas de modo a convergirem num projeto político de nação e desencadearam um processo de polarização política. Novos estudos sobre as Jornadas de Junho de 2013, especialmente relacionados aos grupos e movimentos sociais que ali se fizeram presentes ou que surgiram naquela conjuntura, poderão ajudar a compreender o atual cenário de crise da jovem democracia brasileira.

Referências

ADOUE, Silvia B. Vai encarar? In: GONÇALVES, Mauricio. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil**. Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.139-146.

ATO no Rio reúne 300 mil pessoas e termina em confronto com a PM. **G1**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/ato-no-rio-reune-300-mil-pessoas-e-termina-em-confronto-com-pm.html> Acesso em: 27 mai. 2023.



ATOS pacíficos e tentativa de invasão à prefeitura marcam protesto no AM. **G1**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/06/atos-pacificos-e-tentativa-de-invasao-prefeitura-marcam-protestos-no-am.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

BARROS, Marcelo. Os idiomas misturados vindos da rua. In: GONÇALVES, Mauricio. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil**. Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.60-66.

CAMPOS, Antonio de. A natureza dos protestos atualmente existentes no Brasil. In: GONÇALVES, Mauricio. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil**. Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.43-54.

CAMPOS JR, Jesualdo. Não se pode pensar estar fazendo algo diferente quando se aposta no mesmo caminho. In: GONÇALVES, Mauricio. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil**. Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.178-185.

CERCA de 20 mil pessoas participaram de protestos em Porto Velho, diz PM. **G1**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2013/06/cerca-de-20-mil-pessoas-participaram-de-protestos-em-porto-velho-diz-pm.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

CERCA de 89 mil participaram de manifestações em SC, segundo PM. **G1**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/06/cerca-de-89-mil-participaram-de-manifestacoes-em-sc-segundo-pm.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

DATAFOLHA. **Avaliação sobre protestos por tarifa de ônibus em São Paulo**. PO813687-13/06/2013. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/14/tarifa-de-onibus.pdf> Acesso em: 11 jan. 2016.

DATAFOLHA. **Protestos sobre aumento na tarifa dos transportes II**. PO813688- 18/06/2013. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/19/protestos-aumento-tarifa-ii.pdf> Acesso em: 11 jan. 2016.

DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. *Social movements: anintroduction*. 2.ed. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

DOWBOR, Monika; SZWAKO, José. Respeitável público... Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n.97, p.43-55, nov. 2013.

FERNANDES, Edson; ROSENO, Ricardo de F. **Protesta Brasil: das redes sociais às manifestações de rua**. 1.ed. São Paulo: Prata Editora, 2013.

GOHN, Maria da G. A sociedade brasileira em movimento: vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais. **Caderno CRH**, Salvador, n.71, v.27, p.431-441, 2014a.

GOHN, Maria da G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014b, p.7-88.

GOHN, Maria da G. **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GONÇALVES, Mauricio. **As jornadas de junho e os limites do neodesenvolvimentismo no Brasil**.

In: _____. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil**. Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.158-177.

GUTTERRES, Anelise dos S. *“It’s not easy, I ask for public mobility and the governments ends Skull against me”*: na intimate account of the political protests in Rio de Janeiro (June & July, 2013). *AnthropologicalQuartely*, .87.3, 2015.

INFOGRÁFICO G1. **Manifestações Pelo Brasil**. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/protestos-2013/infografico/platb/> Acesso em: 06 out. 2016.

JUNHO de 2013: as manifestações nas manchetes do G1. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/junho-de-2013-as-manifestacoes-nas-manchetes-do-g1.ghtml> Acesso em: 20 mai. 2023.

LIMA, Marcos C. O som e a fúria das ruas. In: GONÇALVES, M. (org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil**. Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.117-128.

MACIEL, Débora Alves; MACHADO, Marta Rodriguez de Assis. Flowsofprotestcontrol in São Paulo (2013-2014). **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 40, n. 02, p. 227-241, mai/ ago 2021.

MANIFESTAÇÃO em Cuiabá reuniu cerca de 30 mil pessoas, calcula PM. **G1**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2013/06/manifestacao-em-cuiaba-reune-cerca-de-30-mil-pessoas-diz-smtu.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

MANIFESTAÇÃO leva 100 mil às ruas de Vitória e minoria destrói cidade. **G1**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2013/06/manifestacao-leva-100-mil-ruas-de-vitoria-e-minoria-destroi-cidade.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

MENDONÇA, Kleber; DAEMON, Flora. Os “outros” da rua: o acontecimento discursivo das manifestações de 2013. **PPGCOM – ESPM, Comunicação, mídia e consumo**, ano 11, vol.11, n.30 p. 37-55, 2014.

MONDAINI, Marco. O especialista e os Protestos de Junho: a edição da cacofonia das ruas. In: GONÇALVES, Mauricio. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil**. Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.32-40.

MORAES, Manoel. A dialética das ruas: novos atores e sujeitos coletivos nas redes sociais. In: GONÇALVES, Mauricio. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil**. Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.151-157.

NOBRE, Marcos. **Choque de democracia. Razões da revolta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.

NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento: da abertura democrática ao governo Dilma**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As ruas e a democracia**. Ensaio sobre o Brasil contemporâneo. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira (FAP); Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

OLIVEIRA, J.L. de. Protestos, 2013. In: GONÇALVES, M. (org.) **As jornadas de junho: os**

significados do retorno das manifestações de massa no Brasil. Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.71-74.

PAULINO, Natália. Protestos no Brasil: o que fazer? In: GONÇALVES, Mauricio. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil.** Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.41-42.

PESQUISA IBOPE sobre os manifestantes. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/vejaintegradapesquisadoibopesobreosmanifestantes.html> Acesso em: 11 jan. 2016.

PROTESTO reúne 15 mil pessoas nas ruas de Palmas. **G1**, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protesto-reune-15-mil-pessoas-nas-ruas-de-palmas.html> Acesso em: 27 mai. 2023.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; BASTOS, Marco T. O Discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do *Twitter*. **Galaxia**, São Paulo, n. 28, p. 199-216, 2014.

RIBEIRO, Renato J. O Brasil e a democracia de protesto. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n.1, p. 93-117, 2014.

RODRIGUES, Daniel. As lutas sem classe de 2013? In: GONÇALVES, Mauricio. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil.** Recife: Ed. do Organizador, 2014, p.129-138.

SANTOS, Gustavo Souza; PEREIRA, Anete Marília. Utopismo, insurgência e espaço urbano. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, v. 21, n. 45, p. 461-479, maio/ago 2019.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, Salvador, n.71, v.27, p.417-429, 2014.

SILVA, Drance E. da. O súbito acordar do povo e suas ruas. In: GONÇALVES, Mauricio. (Org.) **As jornadas de junho: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil.** Recife: Ed. do Organizador, 2014a, p.75-81.

SILVA, Thiago. M. da. **Manifestações no Brasil: estruturação da esfera pública, rede social e participação popular na Internet.** 2014b. 132p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Jornalismo), Universidade de Coimbra, 2012.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n.97, p.23-40, 2013.

SOARES, Luiz Eduardo. **O que eu sei e o que não sei sobre as manifestações pelo passe livre. 2013.** Disponível em: <http://www.luizeduardosoares.com/?p=1098> Acesso em: 19 jun. 2013.

TEIXEIRA, Ana C. C. A atuação das Organizações Não-Governamentais: entre o Estado e o conjunto da sociedade. In: DAGNINO, E. **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TSE- votação nominal. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/resultado-da-elei%C3%A7%C3%A3o?session=2815386651179> Acesso em: 20 mai.

2023.

XAVIER, Roseane. O jogo da democracia: impressões sobre os protestos recentes no Brasil. **Estudos de Sociologia [online]**, vol. 2, n. 19, 2013.

Gisele Heloise Barbosa

Academia da ForçaAérea – Pirassununga/SP
DoutoraemCiência Política pela UFSCar
E-mail: gisele.h.barbosa@gmail.com